

ARTIGO | *PAPER*

**LONGA DURAÇÃO NO BAIXO RIO URUBU: ANÁLISE CERÂMICA
DO SÍTIO AM-IT-30 PEDRA CHATA, MUNICÍPIO DE ITACOATIARA
(AM- BRASIL)**

***LONG-TERM HISTORY IN THE RIVER URUBU: CERAMICS
ANALYSIS FROM THE AM-IT-30 PEDRA CHATA SITE, ITACOATIARA
MUNICIPALITY (AMAZONAS, BRAZIL)***

Luiza Caroline Vieira Gama ^a

^a Grupo de Pesquisa Arqueologia e Gestão do Patrimônio Cultural da Amazônia- Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM), Bacharela em Arqueologia. E-mail: luizacarolinev@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9325-5050>

RESUMO

Neste artigo apresentamos os resultados da análise realizada no material cerâmico do sítio arqueológico AM-IT-30 Pedra Chata (Itacoatiara, AM). Apresentamos elementos detectados nos conjuntos cerâmicos, que nos auxiliam observar a manutenção de identidades em áreas com fluxos culturais. Ao expor nosso estudo de caso, procuramos também contribuir metodologicamente e participar do debate regional acerca das classificações das cerâmicas arqueológicas do baixo rio Urubu, na Amazônia Central.

PALAVRAS-CHAVE

Análise cerâmica, baixo rio Urubu, Amazônia Central, Saracá.

ABSTRACT

In this article we present the results of analyses carried out on ceramic material from the archaeological site AM-IT-30 Pedra Chata (Itacoatiara, AM). We present elements detected in the ceramic assemblages, allowing us to observe the maintenance of identities in areas with cultural flow. By presenting our case study, we also aim to make a methodological contribution and participate in the regional debate on the classification of archaeological ceramics from the lower Urubu River, in Central Amazonia.

KEYWORDS

Ceramic analysis, lower Urubu River, Central Amazon, Saracá.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

GAMA, Luiza Caroline Vieira. Longa duração no baixo rio Urubu: análise cerâmica do sítio AM-IT-30 Pedra Chata, município de Itacoatiara (AM- Brasil). Cadernos do Lepaarq, v. XXI, n. 41, p. 39-59, Jan-Jun. 2024.

Introdução

Parte da arqueologia amazônica vem atuando em uma perspectiva de história de longa duração, na tentativa de entender distintos períodos temporais, mapear e caracterizar como se distribuíram as ocupações das sociedades indígenas das terras baixas na América do Sul (NEVES, 2022; BARRETO et al., 2016).

A área situada ao longo de ambas as margens do rio Amazonas, entre a foz do rio Japurá e a foz do rio Uatumã, é chamada de Amazônia Central (NEVES, 2022). Dentro dessa macrorregião (figura 1), no médio curso do rio Amazonas, próximo a confluência com os rios Uatumã e Madeira, o baixo rio Urubu se destaca como um território chave para o entendimento das antigas ocupações humanas (SIMÕES E MACHADO, 1984; LIMA, 2008; 2013; LIMA et al., 2016; BASSI, 2016).

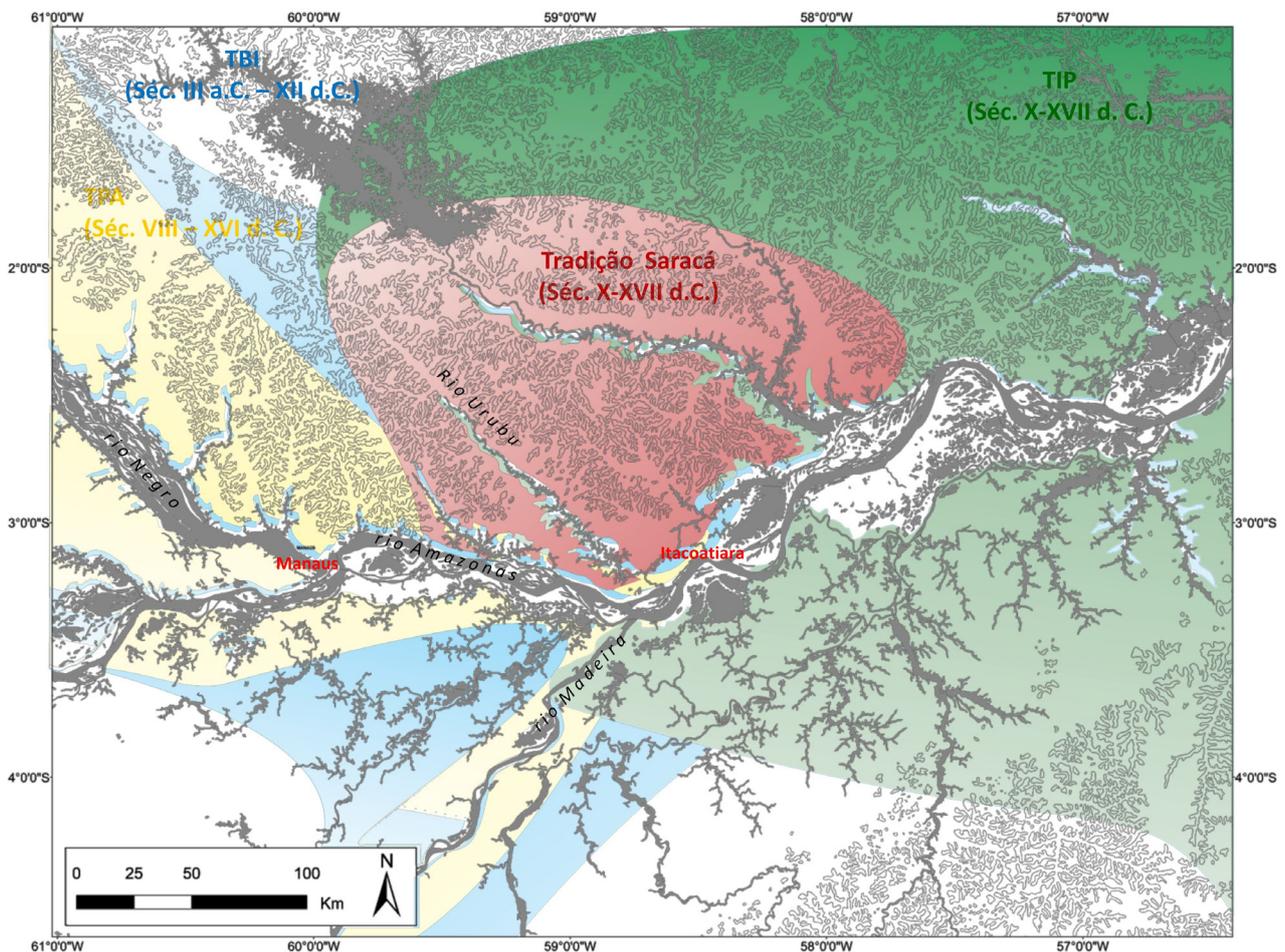


Figura 1: Mapa da Amazônia central e dispersão das Tradições arqueológicas, em destaque os principais rios da bacia amazônica. Autor: Filippo Bassi. Fonte: Gama, 2017, p. 19.

À luz dos estudos realizados, é sugerida que essa área represente um espaço de confluência

das três principais Tradições arqueológicas amazônicas, a saber: Tradição Inciso Ponteadado (TIP), Tradição Borda Incisa (TBI) e Tradição Polícroma da Amazônia (TPA), consideradas o correlato material de uma fronteira cultural regional representada na cerâmica da Tradição Saracá (HILBERT, 1968; SIMÕES E MACHADO, 1984; MACHADO, 1991; LIMA, 2008, 2013, LIMA et al., 2016; CAVALLINI, 2014; BASSI, 2016).

Localizado na margem esquerda do Paraná do rio Urubu, o sítio arqueológico AM-IT-30 Pedra Chata (coordenadas geográficas: 21M 325064/9659401 - Datum UTM WGS 84) se encontra em uma área plana, no topo de um terraço fluvial, e é caracterizado por um pacote de terra preta¹ que chega a medir 3 hectares de extensão e mais de 1 metro de profundidade. Tal local está relacionado espacialmente ao sítio rupestre AM-IT-31 Caretas (CAVALLINI, 2014, p. 175-186). No específico, foi lançada a hipótese que o Pedra Chata represente do ponto de vista arqueológico uma área de fronteira e conte uma história de longa duração.

O artigo visa avançar na análise tecnológica e estilística do material e reunir elementos que nos auxiliam observar a manutenção de identidades em regiões com fluxos culturais. Apresentaremos os resultados da análise cerâmica proveniente da unidade N1000 E964, junto ao teste estatístico de *cluster*. Utilizamos uma base teórico-metodológica que viabiliza uma comparação com os dados produzidos por Bassi (2016), a partir do estudo dos artefatos da unidade adjacente (N1000 E963). O objetivo é contribuir ao reconhecimento e interpretação de padrões culturais que podem ser testados estatisticamente (BASSI, 2016; GAMA, 2017).

Do rio Amazonas ao rio Urubu: breve contextualização da pesquisa arqueológica na Amazônia

Os primeiros estudos arqueológicos na Amazônia tiveram foco na descrição cerâmica e no contexto dos sítios, dessa forma duas correntes teóricas foram bastante difundidas. A primeira voltada a seriação e análise tipológica do material, com objetivo de encontrar padrões ao interno das ocupações (FORD, 1936, 1938; MEGGERS E EVANS, 1961). A segunda buscava interpretar essas últimas, a partir da distribuição e disposição contextual dos artefatos em conjunto com a análise modal das cerâmicas (ROUSE, 1960; LATHRAP, 1970; DEBOER E LATHRAP, 1979; RAYMOND, 1995; DEBOER et al., 1996).

Dando prioridade à primeira, as pesquisas utilizaram principalmente o método de seriação (FORD, 1938), nas quais Meggers e Evans definiram quatro horizontes estilísticos para comportar a variabilidade local, sendo estes: Horizonte Borda Incisa, Inciso Ponteadado, Polícroma, Hachurado-Zonado, que posteriormente foram renomeados como Tradições para contemplar a realidade Amazônica, já que ocorriam em diferentes lugares sem uma dispersão cerâmica contínua geograficamente (MEGGERE E EVANS, 1961). Essa classificação foi e é construída através do uso

1 “Como foi comprovado que a formação de terras pretas é resultante dos assentamentos de sociedades pré-colombianas, sua disposição, profundidade e extensão nos fornecem parâmetros importantes sobre a intensidade da ocupação humana nesses assentamentos (ARROYO-KALIN, 2010, 2014 apud BARRETO, et al. 2016, p. 587-588).”

dos termos fase e Tradição², que, buscam compreender os complexos arqueológicos (WILLEY E PHILLIPS, 1958).

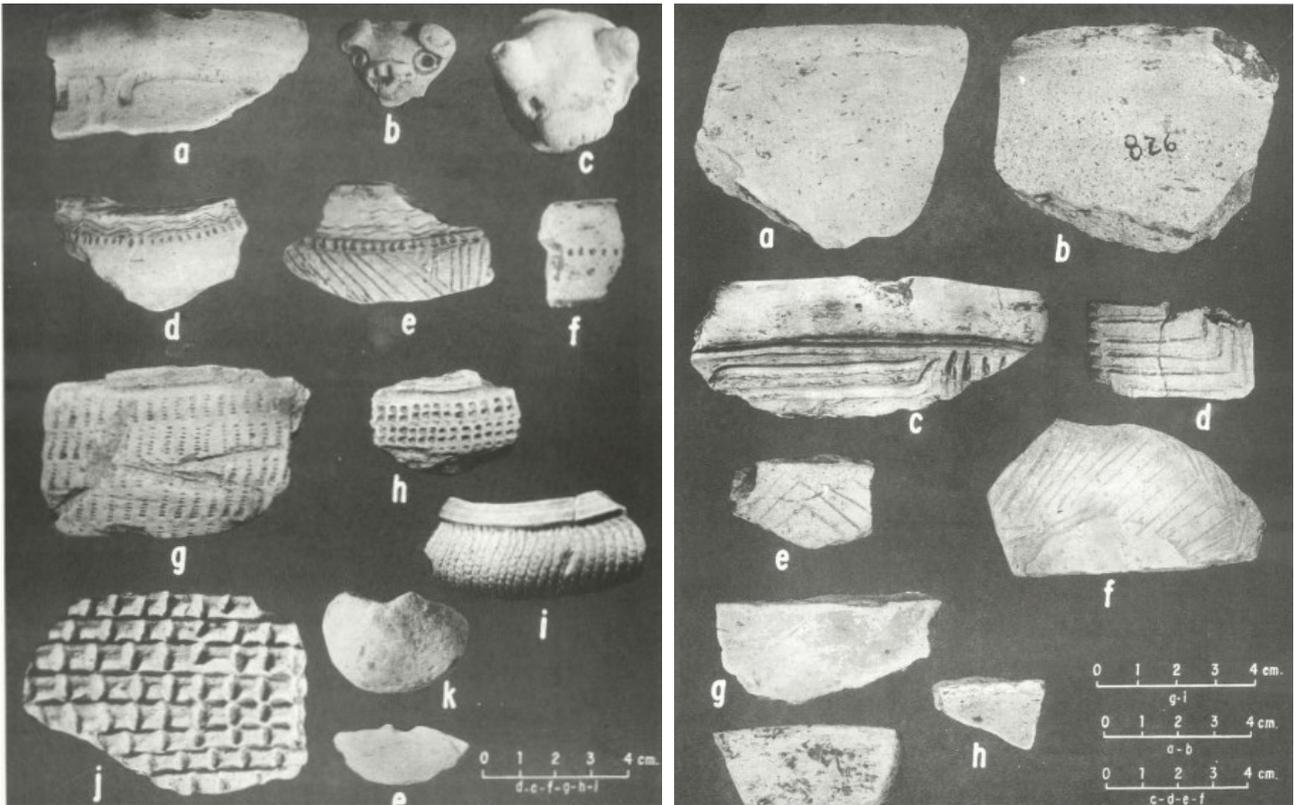
Seguindo tal linha de pesquisa, nos meios de 1950, Peter Hilbert realizou os primeiros trabalhos sistemáticos, classificando as cerâmicas dentro desses termos. O resultado desse estudo foi a elaboração de um quadro de dispersão cultural e cronológico das tradições para a Amazônia, que, além de mapear a ocorrência dos tipos cerâmicos, sugere a formação de áreas de encontro de povos, ou seja, as áreas de fronteira cultural (HILBERT, 1968).

Ainda nessa direção, com o objetivo de aprofundar o conhecimento do contexto arqueológico, foi criado no final da década de 1970 o *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica* (PRONAPABA), que atuou até o final da década de 1990, sob a coordenação do arqueólogo Mário Ferreira Simões, vinculado ao Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) (SIMÕES E ARAÚJO-COSTA, 1978).

Simões, ao construir um esboço da cronologia cultural na bacia Amazônica (SIMÕES, 1980), sugere que a região do baixo rio Urubu configure o limite ocidental da distribuição dos complexos cerâmicos afiliados à TIP e TPA, formando assim uma fronteira representada pela Tradição Regional Saracá (fig. 2 e 3). Essa se caracterizava por tipos decorativos diagnósticos inexistentes nas outras tradições da região, sendo estas: ponteadas estampadas, arrastadas e repuxadas; ao mesmo tempo que apresentava formas e parte das técnicas decorativas similares àquelas diagnósticas da Tradição Polícroma, compreendendo: acanalado, pintura policroma, excisão, flanges mesiais e labiais. Além das compartilhadas com outros complexos estilísticos como o Inciso Ponteadado e o Borda Incisa, como: engobo vermelho, inciso fino e largo, inciso ponteadado, ponteadado simples e modelado inciso; o que resulta em uma cerâmica no período pré-colonial tardio que engloba traços das três grandes Tradições identificadas na Amazônia, e que não foi associada a nenhum dos quatro horizontes estilístico proposto por Meggers e Evans em 1961 (SIMÕES E MACHADO, 1987).

Esta fronteira hipotética foi definida a partir da seriação de amostras cerâmicas coletadas em nove sítios arqueológicos no baixo rio Urubu (figura 4). A variabilidade presente nessa região engloba diferentes complexos cerâmicos, a saber: fase Silves (TBI), Sucuriju (Saracá), Anebá (Saracá), Iraci (Saracá), Saracá (Saracá), Sanabani (TIP), Garbe (TIP).

2 “As fases têm sido utilizadas para caracterizar culturas arqueológicas em determinado tempo e espaço, enquanto o termo Tradição é utilizado para caracterizar repertórios tecnológicos e estilísticos cerâmicos com grande persistência temporal em escalas regionais; uma Tradição pode abarcar as fases em sua temporalidade e/ou espacialidade” (WILLEY E PHILLIPS, 1958).



Figuras 2 e 3: Pranchas com cerâmicas da Tradição Saracá. Fonte: Simões e Machado, 1987.

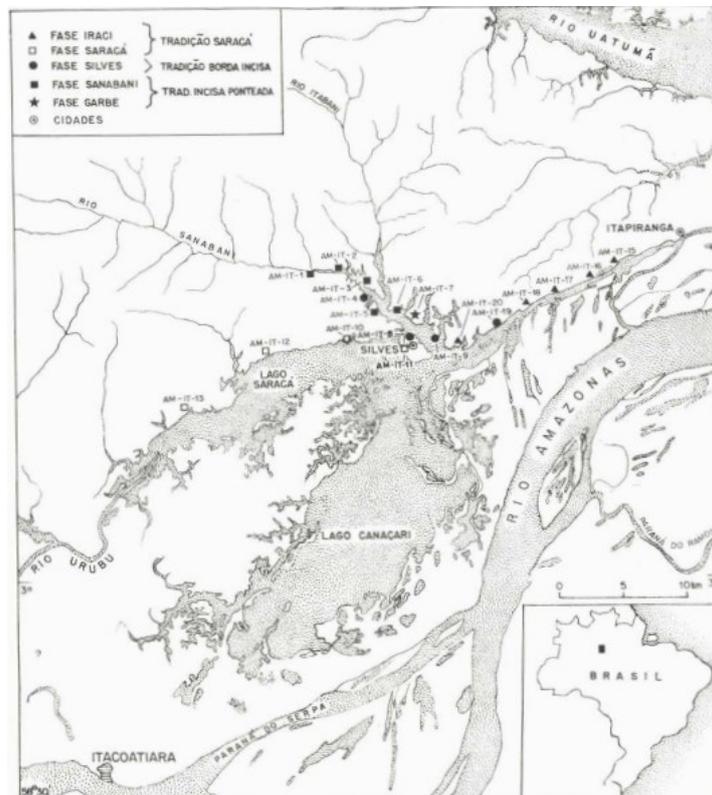


Figura 4: Mapa da distribuição das fases por sítios arqueológicos na região de Silves. Fonte: Simões e Machado, 1987.

GAMA, Luiza Caroline Vieira. Longa duração no baixo rio Urubu: análise cerâmica do sítio AM-IT-30 Pedra Chata, município de Itacoatiara (AM-Brasil).

No intuito de aprofundar o conhecimento sobre essa área de pesquisa, a partir de 2009 o *Projeto Arqueologia Regional e História Local no Baixo Urubu*, coordenado por Helena Lima, deu continuidade aos estudos para caracterizar e analisar a hipótese da existência de uma fronteira cultural regional, além de promover e socializar o conhecimento arqueológico (LIMA, 2013).

Nosso trabalho aprofundou as pesquisas no sítio Pedra Chata, iniciadas no âmbito do mestrado de Marta Sara Cavallini (2014), cujo objetivo foi contextualizar arqueologicamente o fenômeno da produção de gravuras rupestres pré-coloniais na bacia do baixo rio Urubu. No específico, caracterizar crono-culturalmente o sítio de petróglifos AM-IT-31 Caretas, localizado na margem esquerda do baixo Urubu, em proximidade espacial ao Pedra Chata (CAVALLINI, 2014).

Sucessivamente no âmbito do doutorado de Filippo Stampanoni Bassi (2016) foi desenvolvido um trabalho com o objetivo de testar a hipótese de fronteira cultural regional e compreender a classificação da Tradição Saracá. Dos 4 sítios contemplados, se destaca o Bom Socorro (AM-IT-35) onde foram identificadas cerâmicas TPA e Saracá co-ocorrendo no mesmo contexto, no que tem sido interpretado como o espaço habitacional de uma casa no período pré-colonial tardio. À vista disso, dissertou-se sobre as relações entre as produtoras de cerâmicas policromas e Saracá da região (BASSI, 2016, p. 294).

É nesse cenário que o presente trabalho está inserido, em diálogo com a rede de colaboração do Projeto Baixo Urubu, em específico com essas últimas duas pesquisas, buscando contribuir para o conhecimento desse contexto arqueológico (LIMA, 2013; LIMA et al. 2016; CAVALLINI, 2014; BASSI, 2016).

Parte dos resultados foram alcançados durante o ano de 2017 pela presente autora, no âmbito do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Bacharelado em Arqueologia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), em parceria com a Divisão Laboratório de Arqueologia do Museu Amazônico da Universidade Federal do Amazonas (MA/UFAM) (GAMA, 2017).

Aportes teóricos

Ao analisar os artefatos cerâmicos buscamos destacar seus elementos tecnológicos e estilísticos, por entender que o modo de fazer pode refletir o meio cultural no qual está inserido. Portanto, a manutenção das práticas ceramistas ao longo do tempo é lida como uma forma de reforçar as identidades étnicas dos povos que viveram na Amazônia (BARRETO et al. 2016; NEVES, 2022).

Dentro dessa perspectiva, Lemonnier (1992) propõe observar os *sistemas tecnológicos* a partir do seu caráter sistêmico, considerado o resultado da inter-relação entre elementos como: matéria, gestos, energia, objetos e conhecimento. As técnicas desenvolvidas por uma sociedade podem se influenciar mutuamente pelo fato de que cada sistema tecnológico é em inter-relação com outros sistemas culturais.

Procuramos guiar a análise cerâmica do Pedra Chata evidenciando atributos que acentuassem particularidades estilísticas na amostra. Dessa forma, ao indicar o estilo como uma

variável da produção, acrescentamos o conceito de *estilo isocréstico* proposto por James Sackett (1977), que o definiu como uma assinatura particular de cada artesã, propondo que:

“As formas específicas assumidas pelos objetos da cultura material representam uma série de escolhas específicas feitas pelos artesãos, consciente ou inconscientemente, de um amplo espectro de caminhos alternativos igualmente viáveis para se obter o mesmo fim. Tais escolhas constituem a variação isocréstica (semanticamente, equivalente em uso).” (SACKETT, 1986, p. 630 apud PACHECO, 2008).

Considerando nosso universo amostral como um material que nos remete a diferentes temporalidades por um longo período de ocupação, incluímos o conceito que tem sido proposto na arqueologia de *lugares significativos e persistentes* (ZEDEÑO E BOWSER, 2009). Essas caracterizam áreas que foram ocupadas repetidamente ou por muito tempo que resultariam em locais onde a interação humana com o ambiente marcou a paisagem, criando lugares significativos.

É através deste aparato teórico que procuramos reconhecer os padrões culturais presentes no material cerâmico. Nele, o processo de análise aciona os conceitos apresentados, buscando caracterizar e delimitar as unidades mínimas de mudança, para chegar as unidades de classificação regional existentes em nossa área de pesquisa (BASSI, 2016; GAMA, 2017).

A classificação das filiações culturais está em voga na arqueologia da Amazônia há muito tempo; diferentes estudos têm discutido suas limitações (DIAS E SILVA, 2001; SCHANN, 2007) e possibilidades (LIMA E NEVES, 2011; LIMA, 2015). Aqui nosso objetivo é mais estabelecer um conjunto de dados comparativos para a cerâmica desta região e menos retomar os debates à essa abordagem.

Dessa forma, apresentamos a área como local de encontros culturais, ressaltando que a leitura do material cerâmico dentro das filiações culturais regionais não parte do sentido restrito de relações a grupos étnicos, mas dialoga também com os demais complexos arqueológicos na Amazônia Central.

As cerâmicas do Pedra Chata: materiais e métodos

O sítio Pedra Chata foi cadastrado em 1980 por Mário Simões, que o insere na discussão da hipotética fronteira cultural no médio Amazonas, por conta da sua localização no baixo Urubu (figura 5) e da presença dos vestígios cerâmicos correspondentes à Tradição Saracá (SIMÕES E MACHADO, 1984).

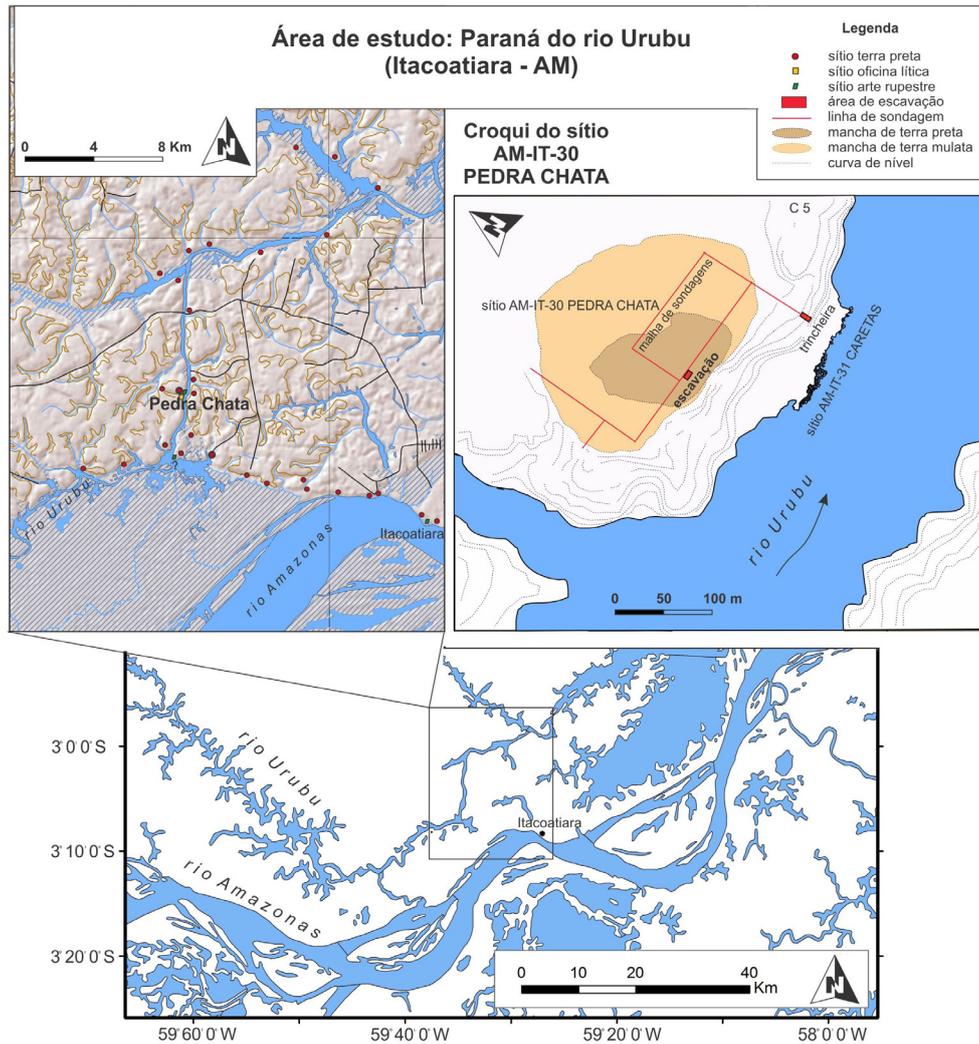


Figura 5: Delimitação da área de estudo do sítio Pedra Chata no baixo rio Urubu e sua relação com o sítio Caretas.

Autor: F. Bassi. Fonte: Gama, 2017, p. 21.

Cavallini (2014) descreve a área do sítio da seguinte forma:

“O sítio está assentado em uma área plana, no topo de um divisor de águas com elevação que chega até 57 m acima do nível médio do mar. Nas proximidades do sítio, o desnível em relação ao rio Urubu varia entre 20 e 26 m, dependendo da época do ano. Prospecções na área evidenciaram a presença de aspectos naturais e de intervenções humanas que nos levaram a considerar esse território como um ambiente fortemente domesticado: de fato, trata-se de uma grande ilha de terra firme de cerca de 220 ha, cercada ao sudoeste por um igarapé, chamado das Caretas, mais a montante do homônimo sítio, na margem esquerda do paraná.” (CAVALLINI, 2014, p. 175).

Sua cobertura vegetal foi classificada como capoeira madura e densa (figura 6). A paisagem é formada principalmente por palmeiras e plantas domesticadas e em processo de domesticação.

Nesse contexto, vão se destacar, o Inajá (*Ataleia maripa* Aubl.), a Bacaba (*Oenocarpus bacaba* Mart.) e o Tucumã (*Astrocaryum aculeatum* Meyer), indicativas de áreas antropizadas na Amazônia (CAVALLINI, 2014, p. 176).



Figura 6: Vista panorâmica do sítio Pedra Chata no período de seca do rio onde é possível observar os petróglifos do sítio Caretas. Foto: Marta Cavallini, 2014.

A escavação arqueológica da qual nosso material é proveniente ocorreu durante uma etapa de campo do mestrado de Cavallini em novembro de 2011. O sítio foi delimitado através da aplicação de um grid de tradagens³, que resultou no estabelecimento do pacote arqueológico de terra preta. Em consequência da sua delimitação, foi definida a abertura de 2 unidades adjacente na área central do sítio (figura 7), escavadas por níveis artificiais de 10 cm até a profundidade de 120 cm (CAVALLINI, 2014, p. 175-186).

Os primeiros resultados da análise cerâmica são apresentados por Bassi (2016: 264-292). Ao selecionar uma amostra de 929 fragmentos da unidade N1000 E963, caracterizou o Pedra Chata como um sítio multicomponencial de longa duração, e identificou cerâmicas antigas relacionadas à Tradição Pocó (fase Itacoatiara⁴), localizadas na camada I da escavação (fig. 7), contexto datado de 200-50 a.C.(Cal.); como também uma sucessão de cerâmicas de diferentes períodos temporais até o material característico Saracá e TPA, que nesta região corresponde ao período datado em 1430 a 1650 d.C.⁵, temporalmente anterior e que se estende até o período de contato da invasão europeia no século XVI (BASSI, 2016, p. 204). Realizamos a análise do material cerâmico da outra unidade escavada (N1000 E964) e nosso universo amostral compreende todo material cerâmico com dimensões maiores que 3 cm⁶, totalizando 836 fragmentos analisados (GAMA, 2017, p. 27).

3 Método de poços teste destinados a delimitar a profundidade e tamanho de sítios arqueológicos.

4 Para nossa área de pesquisa, Hilbert definiu com maior precisão a fase Itacoatiara, como um conjunto: que possui predominância de incisões finas simples e duplas, modelados, acanalados, vários tipos de ponteados e policromia como decoração; as formas encontradas constituem vasos que por vezes combinam diferentes motivos decorativos (HILBERT, 1968, p. 49-64).

5 Datações obtidas nos contextos Saracá e TPA do sítio arqueológico AM-IT-35 Bom Socorro, na região do baixo rio Urubu (BASSI, 2016, p.204).

6 Para viabilizar a análise no tempo disponível, destacando que os fragmentos maiores podem nos trazer mais informações.

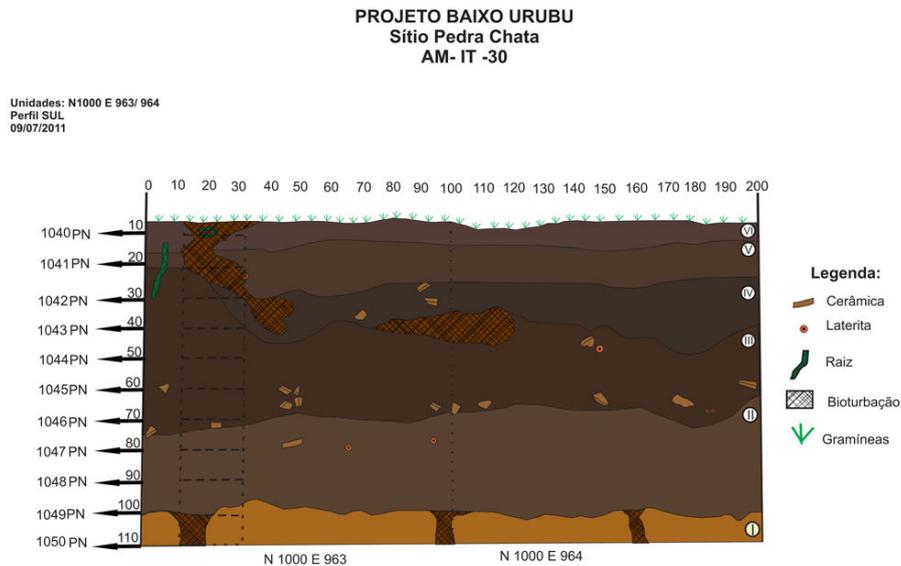


Figura 7: Desenho do perfil das unidades de escavação do sítio Pedra Chata. Fonte: Marta Cavallini, 2014, p. 185.

A base de análise descritiva foi desenvolvida com o uso dos manuais de estudo cerâmico (SHEPPARD, 1956; RICE, 1987; RYE, 1981). Nossa análise visa destacar as tecnologias e modos de fazer do material (ROUSE, 1960). Para nosso contexto de pesquisa buscamos consultar os estudos de referência para análise na Amazônia Central (LIMA, 2008; 2015; NEVES, 2022).

Utilizamos dois métodos: um descritivo e outro estatístico, ambos para criar conjuntos que refletissem as escolhas estilísticas. Para tal, empregamos uma única ficha de análise descritiva de Bassi (2016) modificada (GAMA, 2017, p. 28-29). Tal protocolo de análise é dividido em três partes: o contexto de coleta; as categorias analíticas: morfologia, manufatura, atributos decorativos e marcas de uso, essas que vão identificar os atributos físicos do fragmento; a filiação cultural, onde se indica a qual Tradição/fase arqueológica o fragmento pertence e/ou apresenta traços diagnósticos. Esta última categoria é de tipo inferencial, pois agrega elementos do contexto de pesquisa, em relação às classificações existentes na Amazônia (LIMA E NEVES, 2011; LIMA, 2015; LIMA, 2017).

Para a estatística escolhemos processar nossos dados na forma de dendrograma, para visualizar as similaridades na amostra. Esse método consiste na formação de *cluster*, ou seja, no agrupamento de conjuntos formando ramos de árvores de acordo com as semelhanças e organização das amostras. No caso, selecionamos apenas a análise de atributos físicos (somando 100 atributos entre: morfologia, manufatura e decoração), para obter dados sem a parte inferencial da análise descritiva. Desse modo, nossos resultados foram satisfatórios, como visualizamos no dendrograma (figura 8), há o agrupamento de 3 componentes principais com pequenas separações internas, elemento que corrobora a análise descritiva para a presença dos componentes culturais da região (TPA, TIP, TBI), como já havia sido observado por Bassi (2016, p. 287-288).

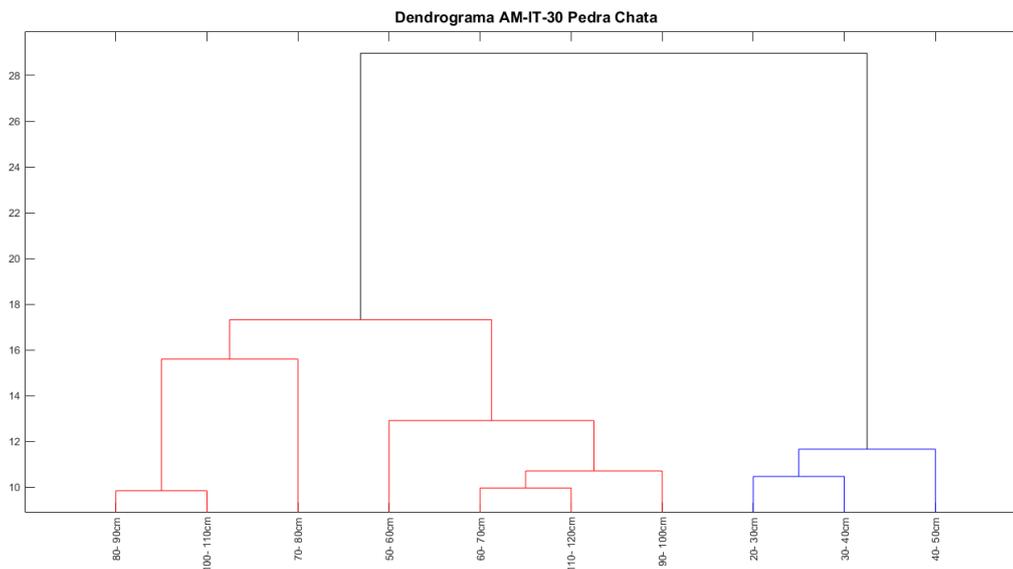


Figura 8: Na análise de cluster do sítio Pedra Chata foi usado o programa Matlab 2017, foram analisados 835 fragmentos, considerando cada nível separadamente. Foi utilizada a distância euclidiana e o encadeamento de Ward. O coeficiente de correlação encontrado foi de 0,9061 que se aproxima muito ao valor 1 que representa a máxima força de correlação possível. Autor: Riccardo Rella. Fonte: Gama, 2017, p. 48.

Para auxiliar na leitura do gráfico, organizamos os conjuntos e ordenamos os principais atributos presentes nas cerâmicas; consideramos tais grupos a luz das fases e Tradições presentes na região do baixo rio Urubu. Finalmente, a análise descritiva que realizamos na amostra cerâmica do sítio Pedra Chata validou o modelo de análise estatística, auxiliando na interpretação dos dados gerados. De fato, essa última não possibilita, por si mesma, a identificação dos elementos que formam os conjuntos, portanto nossa leitura deve incluir os resultados de ambas as análises, em conjunto com os dados do contexto arqueológico regional.

Tabela 1: Conjuntos cerâmicos em correlação aos seus atributos e Tradições arqueológicas.

Conjunto	Características gerais
Conjunto 1 (níveis 20-50 cm)	Fragmentos grandes e leves; manufatura roletado; coloração da pasta entre amarelos e laranjas; queima oxidante; antiplástico cauxi+ caraipé+ carvão+ hematita; tratamento superfície alisado e escovado; queima oxidante; decoração principal pintura vermelha, pouca decoração plástica, baixa frequência de engobo. Tradição Saracá + Tradição Polícroma da Amazônia.

Conjunto 2 (níveis 50-60, 60-70; 90-100 cm)	Fragmentos grandes e pesados; manufatura roletado; coloração da pasta diferentes tons de marrons; queima oxidante com baixa frequência de redutora; antiplástico cauxi+ carvão+ hematita+ quartzo+ caraipé B; tratamento superfície alisado, escovado e polido; decoração plástica predominante e ponteados, pouca decoração pintada e pouco engobo; presença de apliques. Tradição Borda Incisa + Tradição Inciso Ponteadas+ Tradição Polícroma da Amazônia
Conjunto 3 (níveis 70-80, 80-90, 100-110 cm)	Fragmentos médios e muito fragmentados; manufatura roletado; coloração da pasta entre tons laranjas e amarelos; queima oxidante; antiplástico cauxi+ hematita+ carvão+ quartzo+ caraipé B; tratamento superfície alisado e polido; decoração plástica, pouco engobo e pouca decoração pintada. Tradição Pocó + Tradição Borda Incisa.

Resultados

Na leitura dos agrupamentos realizados através da análise estatística, podemos observar onde esses refletem a nossa análise descritiva. Primeiramente, o maior distanciamento no gráfico é a separação entre a última camada de ocupação representada pela cor azul (20-30 a 40-50 cm), em relação ao restante dos níveis estratigráficos, que são evidenciados na cor vermelha (50-60 a 110-120 cm), ao próprio interno existem subdivisões, formadas a partir da leitura por níveis artificiais, que no processamento dos dados resultou em descontinuidades estratigráficas nos conjuntos (figura 8).

A primeira camada de ocupação (90-120 cm). É formada por material cerâmico com traços diagnósticos da Tradição Pocó (Neves et al., 2014; Lima, 2022), na região corresponde à fase Itacoatiara (HILBERT, 1968; MACHADO E SIMÕES, 1987). Tal período na Amazônia é caracterizado pela fase inicial do processo de sedentarização de grupos ceramistas, apresenta o início da formação de terra preta, cerâmicas com decoração plástica, policromia, alto nível de polimento, e vasilhas pequenas (NEVES et al., 2014; KATER, 2018; LIMA, 2022). Esse complexo foi identificado no baixo Amazonas (HILBERT, 1980; GUAPINDAIA, 2008), na Amazônia Central (LIMA et al., 2006; LIMA, 2008; LIMA, 2014), no médio Solimões (COSTA, 2012; LIMA, 2022), no rio Caquetá (MORCOTE-RIOS et al., 2013) e no sudoeste amazônico (ALMEIDA, 2013; ZUSE, 2014; KATER, 2018).

Na nossa amostra, o material pertencente à fase Itacoatiara aparece em pequena quantidade; apesar de poucos fragmentos, há variedade de pintura e decoração plástica, onde podemos observar motivos decorativos da Tradição Pocó (figura 9).

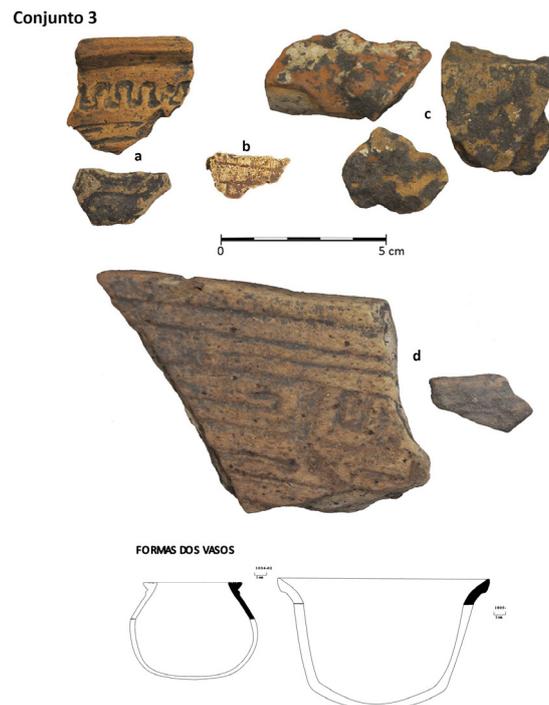


Figura 9: Conjunto Pocó. a) decoração incisa ondulada e incisão horizontal. b) pintura vermelha em linhas finas sob engobo branco. c) engobo branco. d) incisões geométricas e acanalados.

O segundo conjunto (níveis 50-60, 60-70; 90-100 cm) se destaca por ser a camada com maior quantidade e variabilidade de material, de fato, podemos observar a diversidade regional e o início da inserção do componente policromo nas cerâmicas. Possui vasilhas grandes, paredes grossas, vasto repertório decorativo, entre pinturas, decoração plástica, ponteados, incisos, apliques, engobos. Essas características cerâmicas nos remetem à TBI, presente em diversos sítios da Amazônia Central (MORAES, 2013; LIMA, 2016). Sua identificação baseia-se sobre elementos como: adensamento demográfico (LIMA, 2008; SCHAAN, 2007; MORAES E NEVES, 2012; ZUSE, 2014), aldeias circulares (MORAES, 2013; HECKENBERG, 2001), variabilidade decorativa e dos modos de fazer (LIMA, 2008, 2016; LIMA E NEVES, 2011; GOMES, 2015), fluxos decorativos com elementos de outras Tradições (GOMES, 2015; BELLETTI, 2015; LOPES, 2018) e, em alguns contextos, corresponde à continuidade de ocupações mais antigas (NEVES et al. 2014).

Evidenciada no conjunto vermelho da análise de *cluster* (figura 8), esse momento apresenta duas divisões internas; à luz da nossa análise descritiva, interpretamos tal dado como o relato da presença de outros componentes culturais. Esses podem corresponder a um período mais antigo, onde encontramos material Pocó (nível 80-90 cm; 100-110 cm), e a um momento mais recente, onde há fragmentos característicos TIP, junto a uma maior quantidade de material TBI (nível 50-60 cm; 60-70 cm); esse último, por conter maior constância na amostra, mantém um nível de coerência na análise de atributos que preserva os agrupamentos em proximidade.

A TIP caracteriza-se por cerâmicas com decoração incisa e ponteados, podendo conter elementos modelados, principalmente na borda com representações antropomorfas, zoomorfas

ou geométricas (HILBERT, 1968; ALVES, 2019). No nosso material ela apresenta: decoração plástica, ponteados, apliques zoomorfos, pasta marrom, polimento e predominância de antiplástico cauxi (figura 10). Na Amazônia brasileira a TIP foi encontrada principalmente no baixo Amazonas, ao oeste da nossa área de pesquisa; se trata do correlato material do período de ocupação tardio, possuindo um grande repertório estilístico que compreende as cerâmicas da fase Konduri⁷ (BARRETO, 2016; ALVES, 2019).

Na análise da camada superior do Pedra Chata, temos dois conjuntos em destaque: a cerâmica Saracá, marcada pela decoração ponteadada, pequenas vasilhas restritivas, pasta marrom e amarela, antiplástico cauxi e queima oxidante; e a cerâmica TPA, caracterizada por bordas reforçadas, policromia, engobo, pintura vermelha, vasilhas irrestritivas e pastas claras. A cerâmica TPA, com dispersão ao leste da nossa área de pesquisa, foi produzida na Amazônia central, geralmente se sobrepõe às cerâmicas TBI e têm grande padronização formal e estilística que permite sua fácil identificação ainda que encontrada em sítios a milhares de quilômetros de distância (TAMANHAHA E NEVES, 2014).

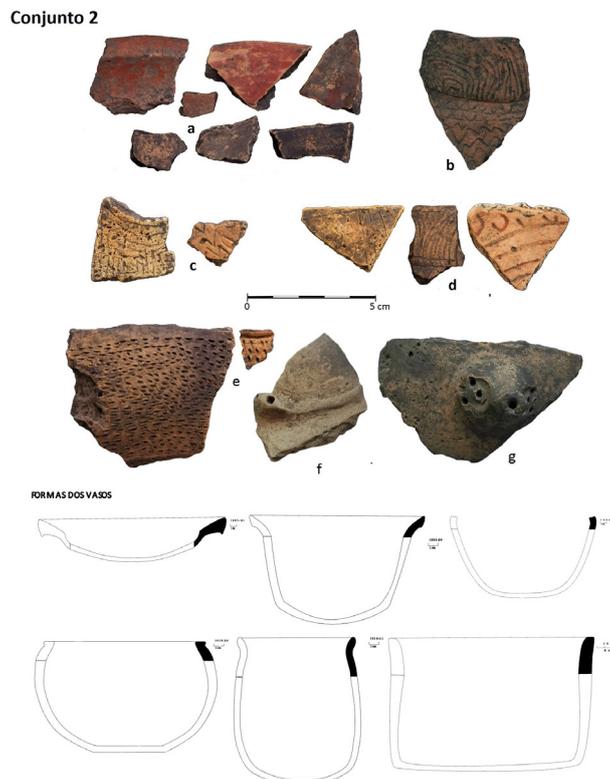


Figura 10: Conjunto Borda Incisa, Inciso Ponteadada e Policromia. a) diferentes tons de vermelho. b) incisões finas ondulares e zig-zag. c) incisões finas geométricas e zig-zag. d) incisões finas e pintura vermelha. e) ponteados repuxados. f) aplique zoomorfo. g) aplique zoomorfo.

7 “A cadeia operatória da cerâmica Konduri é, grosso modo, caracterizada pelo uso de cauxi com antiplástico (provavelmente tempero), em média e alta concentração, formação do bojo e borda das vasilhas com a técnica de roletes sobrepostos e construção de bases e apliques com modelagem, decoração plástica aplicada à pasta úmida com instrumentos sólidos e ocos, pintura e engobo espessos de origem mineral.” (ALVES, 2019, p. 260)

De acordo com nossa análise estatística, o agrupamento com maior distância nos conjuntos é o azul (níveis 20-50 cm), que interpretamos como produto da inserção das cerâmicas polícromas. Isso pode ter ocorrido a partir da interação com comunidades produtoras da cerâmica TPA, relações de trocas de material, e o convívio de ceramistas que produziam esses artefatos na comunidade. A Saracá reúne no seu repertório estilístico atributos que pertencem as diferentes Tradições: apresenta motivos da TBI, como as incisões, pastas marrons, variedade decorativa; mantém da TIP os ponteados, que se destacam nos bojos dos vasos, as paredes finas, apliques; e compartilha com a TPA as pinturas/engobos, acanalados em formas de gregas presentes principalmente na parte do gargalo/inflexão de alguns vasos.

Nesse caso, diferente do que ocorre em outros sítios arqueológicos, não há abandono da produção de cerâmica local após a inserção das cerâmicas TPA. No Pedra Chata, encontramos cerâmicas Saracá ocorrendo junto a TPA (figura 11).

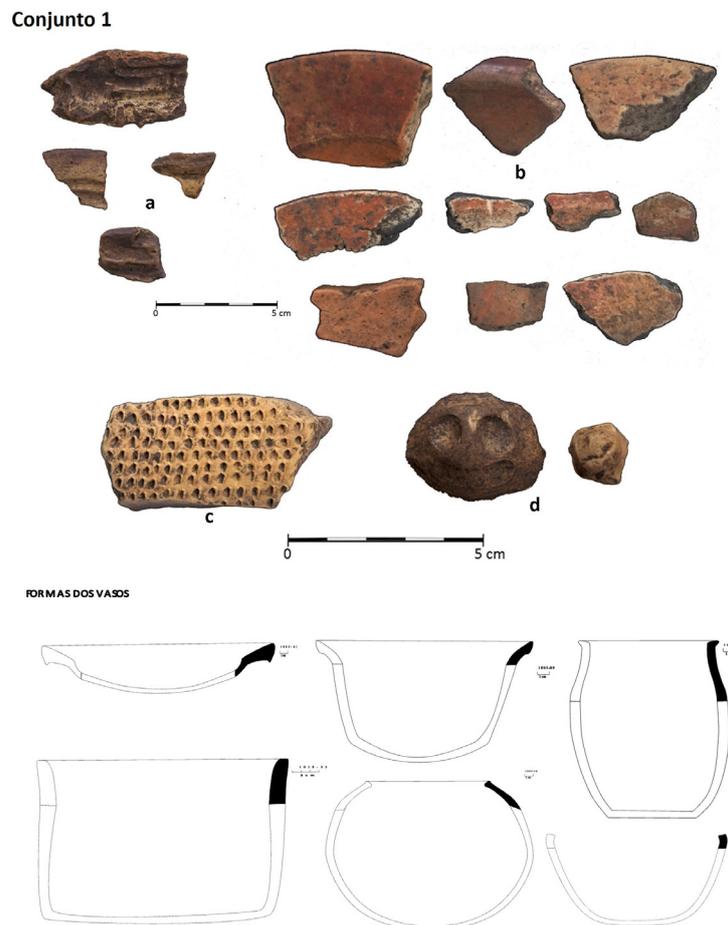


Figura 11: Conjunto TPA e Saracá. a) decoração acanalada. b) engobo vermelho e diferentes tons de pintura vermelha. c) ponteados repuxados. d) aplique antropomorfo e aplique circular.

Discussão e considerações finais

A partir dos resultados que apresentamos, podemos confirmar que o Pedra Chata é

um sítio multicomponencial de longa duração. Sua estratigrafia apresenta uma sequência de diferentes complexos cerâmicos que se sobressaem e interagem. Consideramos que esses dados possam corroborar a hipótese de refletirem mecanismo de integração e fluxo cultural no período de ocupação tardio (BASSI, 2016; GAMA, 2017). De fato, a identificação de diferentes camadas de ocupação que compreendem o arco temporal da Tradição Pocó até a Tradição Saracá (período pré-colonial tardio) nos permite pensar a longa duração no sítio. A variedade de atributos detectada durante a análise cerâmica da Tradição Saracá foi interpretada como resultado da manutenção de antigos modos de fazer em interação com diferentes estilos cerâmicos, no baixo rio Urubu (BASSI, 2016; GAMA, 2017; ALMEIDA et al., 2021).

A inserção da cerâmica TPA aqui é lida como um fator exógeno, encontrado apenas nos últimos níveis de ocupação. Tal evidência corresponde ao período de expansão do estilo cerâmico TPA (NEVES E TAMANAHA, 2014), que, como dissemos, no Pedra Chata ocorre junto à Saracá, que segue evidenciada na manutenção das decorações ponteadas (BASSI, 2016; GAMA, 2017). Áreas de distribuição da TBI nessa região apresentam rupturas nas ocupações, principalmente em transição com a TPA: nesses casos não foi encontrado o compartilhamento de traços decorativos no material arqueológico, por enquanto na nossa área e algumas outras regiões isso não acontece (MORAES, 2013, p. 318-323). De fato, além do Pedra Chata, temos outros exemplos em que a presença da TBI está ligada à manutenção de áreas de longa duração: no médio Solimões foram encontradas cerâmicas com fluxo estilísticos de *Caiambé* (TBI) e *Tefé* (TPA), interpretadas como correlato material da interação de diferentes produções cerâmicas (BELLETTI, 2015; LOPES, 2018). Nesses casos observamos as mudanças, além de rupturas nas ocupações.

Tais elementos levaram a considerar o sítio arqueológico Pedra Chata como local construído segundo uma estratégia que visou demarcar o espaço no paraná do rio Urubu. Corroborar essa possibilidade a interpretação dos motivos gravados nas rochas próximas ao sítio como presumível ferramenta estratégica para fortalecer elementos identitários (CAVALLINI, 2014, p. 200). Inclusive consideramos que as diferentes temporalidades reconhecidas no Pedra Chata e o tipo de manutenção descrita, sejam elementos que caracterizam lugares persistentes e significativos (ZEDEÑO E BOWSER, 2009). Finalmente, a interação nessa região é interpretada como local de contato entre povos, onde as culturas arqueológicas das Tradições TPA, TIP e TBI, no período de ocupação tardio eventualmente gerou a Tradição Saracá (BASSI, 2016, p. 315).

Nesse ponto, a análise da amostra cerâmica do sítio Pedra Chata evidenciou, de um lado, a manutenção do estilo local e, do outro, a inserção de novos atributos, interpretados como correlatos materiais do momento que traços culturais foram acrescentados à antigos saberes, resultando na produção cerâmica da Tradição Saracá. O registro arqueológico e o ambiente no qual está inserido o sítio, nos permite observar uma forma diferente de ocupar os espaços, as populações indígenas que viveram no sítio ao longo de dois mil anos modificaram sua paisagem enriquecendo-a. Podemos observar as marcas desse manejo na diversidade de plantas, no pacote de terra preta, na prática ceramista, nas rochas gravadas, e visualizar uma forma de viver na Amazônia.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, FERNANDO. *A Tradição Polícroma no Alto Rio Madeira* (Vol. 1). (Doutorado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- ALMEIDA, Fernando; LOPES, Rafael and BASSI, Filippo. The Cosmopolitan Misfits of Mainstream Amazonia. IN: BONOMO, Mariano and ARCHILA, Sonia (Org.). *South American Contributions to World Archaeology*. 1ed.: Springer Nature, 2021, v. 1, p. 383-409.
- ALVES, MARCONY. *Objetos distribuídos do Baixo Amazonas: um estudo da cerâmica Konduri*. (Mestrado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- BASSI, FILIPPO. *A maloca Saracá, uma fronteira cultural no médio Amazonas pré-colonial: vista da perspectiva de uma casa*. (Doutorado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena e BETANCOURT, Carla (Org.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Belém: IPHAN: Ministério da Cultura, 2016.
- BELLETTI, JAQUELINE. *Arqueologia do Lago Tefé e a expansão Polícroma*. (Mestrado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- CAVALLINI, MARTA. *As gravuras rupestres da bacia do baixo rio Urubu: levantamento e análise gráfica do sítio Caretas, Itacoatiara – Estado do Amazonas. Uma proposta de contextualização*. (Mestrado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- COSTA, BERNARDO. *Levantamento Arqueológico na Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Amanã-Estado do Amazonas*. (Mestrado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- DEBOHER, Warren and LATHRAP, Donald. The Making and Braking of Shipibo-Conibo Ceramics. IN: KRAMER, Carol (Ed.). *Ethnoarchaeology: implications of ethnography for archeology*. New York: Columbia University Press, 1979, p. 102-138.
- DEBOER, Warren; KINTIGH, Keith and ROSTOKER, Arthur. Ceramic Seriation and Site Reoccupation in Lowland South America. *Latin American Antiquity*, v.7, n. 3. p. 263-278, 1996.
- DIAS, Adriana e SILVA, Fabíola. Sistemas tecnológicos e estilo: as implicações desta inter-relação no estudo das indústrias líticas do sul do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 11: p. 95-108, 2001.
- FORD, James. *Analysis of Village Site Collections from Louisiana and Mississippi*. Anthropological Study, New Orleans: Louisiana State Geological Survey, Department of Conservation, n. 2, 1936.
- _____. *An Examination of Some Theories and Methods of Ceramic Analysis*. Unpublished Master's thesis, Department of Anthropology, University of Michigan, Ann Arbor. 1938.
- GAMA, LUIZA. *Análise tecno-estilística do material cerâmico proveniente do sítio AM-IT-30 Pedra-Chata (Itacoatiara- AM)*. (Graduação em Arqueologia) Universidade do Estado do Amazonas,

Manaus, 2017.

- GOMES, JAQUELINE. *Cronologia e mudança cultural na RDS Amanã (Amazonas): um estudo sobre a fase Caiambé da Tradição Borda Incisa*. (Mestrado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- GUAPINDAIA, VERA. *Além da margem do rio - a ocupação Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA*. (Doutorado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- HECKENBERGER, Michael. Estrutura, História e Transformação: A Cultura Xinguano no longue duree. IN: FRANCHETTO, Bruna e HECKENBERGER, Michael (Ed.) *Os Povos do Alto Xingu: História e Cultura*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001. p. 21-62.
- HILBERT, Peter. *Archäologische Untersuchungen am Mittlern Amazonas*. Berlin: Dietrich Reimer Verlag, 1968.
- KATER, TIAGO. *O sítio Teotônio e as reminiscências de uma longa história indígena no Alto Rio Madeira*. (Mestrado em Arqueologia) Departamento de Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2018.
- LATHRAP, Donald. *The Upper Amazon*. London: Thames & Hudson, 1970.
- LEMONIER, Pierre. Elements for an anthropology of technology. *Anthropological Papers*, n° 88, Museum of Anthropology, University of Michigan, Michigan, 1992.
- LIMA, HELENA. *História das Caretas: a Tradição Borda Incisa na Amazônia Central*. (Doutorado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- _____. (Org.) *Fronteiras do passado: aportes interdisciplinares sobre a arqueologia do baixo rio Urubu, Médio Amazonas, Brasil*. Manaus: Edua, 2013.
- _____. Análises cerâmicas na arqueologia Amazônica: contribuições da Amazônia Central a uma longa trajetória de discussões. *Revista de arqueologia*, volume 28, n.1, p.03-29, 2015.
- LIMA, Helena; ARAÚJO, Luiza e MORAES, Bruno. As Cerâmicas Saracá e a cronologia regional do rio Urubu. IN: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena e BETANCOURT, Carla (Org.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. IPHAN: Ministério da Cultura, Belém: 2016, p. 289-302.
- LIMA, Helena e NEVES, Eduardo. Cerâmicas da Tradição Borda Incisa/Barrancóide na Amazônia Central. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 21, p. 205-230, 2011.
- LIMA, Helena; NEVES, Eduardo e PETERSEN, James. A fase Açutuba: um novo complexo cerâmico na Amazônia Central. *Arqueologia Sul-Americana*, 2(1), p. 26-52, 2006.
- LIMA, MÁRJORIE. *Entrelaçando Histórias: antigas formas de habitar os lagos do Médio Solimões*. (Doutorado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.
- LOPES, RAFAEL. *A Tradição Polícroma da Amazônia no contexto do médio rio Solimões (AM)*. (Mestrado em Arqueologia) Departamento de Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2018.
- MACHADO, ANA. *As tradições ceramistas da bacia amazônica: uma análise crítica baseada nas*

- evidências arqueológicas do médio rio Urubu (AM)*. (Mestrado em Arqueologia), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1991.
- MEGGERS, Betty and EVANS, Clifford. An Experimental Formulation of Horizon Styles in the Tropical Forest of South America. IN: LOTHROP, Samuel. *Essays in Pre-Columbian Art and Archaeology*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, p. 372-388, 1961.
- MORAES, CLAUDE. *Amazônia ano 1000: territorialidade e conflito no tempo das chefias regionais*. (Doutorado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- MORAES, Claide e NEVES, Eduardo. O Ano 1000: Adensamento Populacional, Interação e Conflito na Amazônia Central. *Amazônica: Revista de Antropologia*, 4: p. 122-148, 2012.
- MORCOTE-RIOS, Gaspar; RAZ, Lauren; GIRALDO-CAÑAS, Diego; FRANKY, Carlos and SICARD, Tomas. Terras Pretas de Índio of the Caquetá-Japurá River (Colombian Amazonia). *Tipití: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*, v. 11, n. 2, p. 30-39, 2013.
- NEVES, Eduardo. *Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia central*. São Paulo: Ubu; EdUSP, 2022. 224p. ISBN 978-85-7126-070-2 (broch.).
- NEVES, Eduardo; GUAPINDAIA, Vera; LIMA, Helena; COSTA, Bernardo; GOMES, Jaqueline. A Tradição Pocó-Açutuba e os primeiros sinais visíveis de modificações de paisagens na calha do Amazonas. IN: ROSTAIN, Stéphen. *Amazonía: Memorias de las conferencias Magistrales del 3 Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica*, 2014.
- PACHECO, Mírian. As diferentes abordagens sobre estilo e função em Arqueologia. *História: Questões & Debates*, Editora UFPR, Curitiba, n. 48/49, p. 389-425, 2008.
- RAYMOND, Scott. From potsherds to pots: a first step in constructing cultural context from tropical forest archaeology. In: STAHL, Peter (Ed.). *Archaeology in the lowland American Tropics: current analytical methods and applications*. Cambridge: Cambridge University, 1995, p. 224-242.
- RICE, Prudence. *Pottery analysis: a sourcebook*. University of Chicago press, 1987.
- ROUSE, Irving. The Classification of artifacts in Archaeology. *American Antiquity*, vol.25, n. 3, p. 313-323, Jan. 1960.
- RYE, Owen. *Pottery Technology: Principles and Reconstruction*. Taraxacum, 1981.
- SACKETT, James. The meaning of style in archeology. *American Antiquity*, vol. 42, p. 369-80, 1977.
- SCHAAN, Denise. Uma janela para a história pré-colonial da Amazônia: olhando além - e apesar - das fases e tradições. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas*, Belém, vol. 2, núm. 1, janeiro-abril, 2007, p. 77-89.
- SHEPARD, Anna. *Ceramics for the Archaeologist*. Washington, DC: Carnegie Institution of Washington, 1956.
- SIMÕES, Mário. *Pesquisas arqueológicas nos rios Urubu, Uatumã e Jatapu (AM)*. Relatório preliminar. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 1981.
- _____. *Pesquisas arqueológicas no médio rio Urubu (AM)*. Relatório preliminar. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 1980.
- SIMÕES, Mário e ARAÚJO-COSTA, Fernanda. Áreas da Amazônia Legal Brasileira para pesquisa

- e cadastro de sítios arqueológicos. Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, n. 30, p. 1-160, 1978.
- SIMÕES, Mário e MACHADO, Ana. Pesquisas arqueológicas no lago de Silves (Amazonas). *Revista de Arqueologia*, Belém, v. 4, n. 1, p. 49-82, 1987.
- SIMÕES, Mário e MACHADO, Ana. A tradição regional Saracá: uma nova tradição ceramista da Bacia Amazônica. IN: *Resumos da 36ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (36)*. Anais: comunicações. São Paulo: SBPC, 1984, p. 133-13.
- TAMANAHA, Eduardo e NEVES, Eduardo. 800 anos de ocupação da Tradição Polícroma da Amazônia: um panorama histórico no Baixo Rio Solimões. *Anuário Antropológico*, Brasília, UnB, v. 39, n. 2, p. 45-67, 2014.
- WILLEY, Gordon and PHILLIPS, Philip. *Method and Theory in American Archaeology*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1958.
- ZEDEÑO, Mária and BOWSER, Brenda. The Archaeology of Meaningful Places. IN: BOWSER, Brenda and ZEDEÑO, Mária (Eds.). *Archaeology of Meaningful Places*. Salt Lake City, University of Utah Press, 2009, p. 1-14.
- ZUSE, SILVANA. *Variabilidade cerâmica e diversidade cultural no Alto rio Madeira, Rondônia*. (Doutorado em Arqueologia) Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Recebido em: 20/02/2024

Aprovado em: 07/05/2024

Publicado em: 03/06/2024